

Delegacia Regional do Trabalho abre investigação para avaliar a saúde dos empregados dos postos de combustíveis do Distrito Federal. Dois frentistas podem ter sido intoxicados por benzeno

Suspeita de contaminação

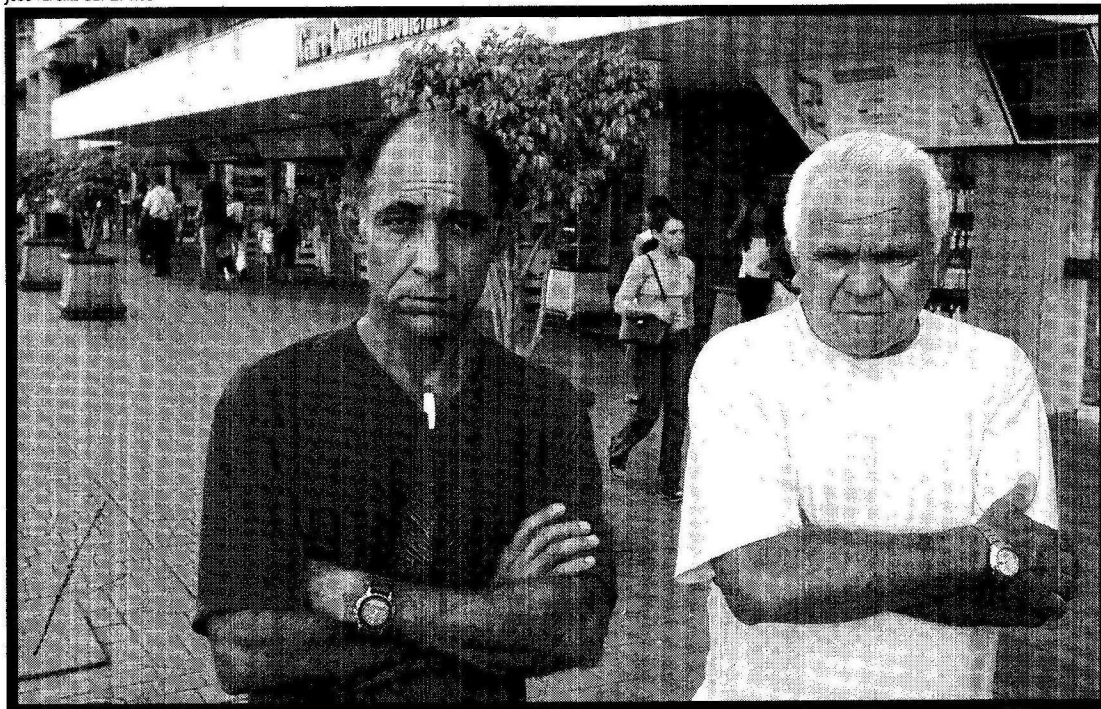
José Varella/CB/ 271.05

SAMANTA SALLUM

DA EQUIPE DO CORREIO

Cerca de quatro mil funcionários de postos de combustíveis no Distrito Federal estão sob o risco de terem problemas de saúde por causa do benzeno, produto químico adicionado com frequência à gasolina. Ele é altamente tóxico e cancerígeno. Alguns frentistas já manifestaram sintomas de contaminação, o que chamou a atenção da Delegacia Regional do Trabalho (DRT). O órgão abriu investigação na semana passada sobre o caso, para identificar com precisão quantos trabalhadores podem estar doentes. O que mais preocupa os técnicos da delegacia é a divergência de laudos médicos. Em um caso, o resultado do exame, pago pelo posto, aponta o funcionário apto para o serviço. Mas análise feita em hospital público apresenta outro diagnóstico.

O Sindicato dos Trabalhadores no Comércio de Minérios e Derivados do Petróleo no DF reivindica que os patrões, ou seja, os donos de postos, providenciem a realização de hemograma (exame de sangue) completo nos funcionários pelo menos uma vez a cada seis meses. “É preciso que os frentistas façam o exame periódico para detectar, a tempo, sintomas de possíveis contaminações”, diz o presidente da entidade, Raimundo Miquilino da Cunha. “O Sindicato estava homologando acordos demissionais com base em laudos médicos que eu não confio mais”, emenda.



SINTOMAS DE CONTAMINAÇÃO: OS FRENTISTAS RAIMUNDO CÂNDIDO E GERALDO LUCENA RECLAMAM DE DORES

O frentista Geraldo Silva de Lucena, 60 anos, trabalhou 21 anos em postos de gasolina. Aposentado desde o ano passado, descobriu recentemente que o nível de plaquetas no sangue está bem abaixo do normal. Desde então, se submete a uma série de exames no Hospital Regional de Taguatinga (HRT). “Sentia muita fraqueza, mas achava que era só cansaço do trabalho”, recorda. Em análise de clínica particular, contratada pela empresa onde trabalhava, Lucena aparece como apto para o serviço. A conclusão é de agosto de 2004. Meses depois, em dezembro, hemograma do HRT revelou o bai-

xo nível de plaquetas.

A situação do colega Raimundo Paulo Cândido, 45 anos, é semelhante. O trabalhador se revolta quando lembra que o médico da empresa onde trabalhava, por diversas vezes, disse que ele estava bem de saúde, em condições de trabalho. “O exame é muito superficial, não passa de uma conversa”, reclama. Cândido tem que tomar remédios para elevar o nível de plaquetas no sangue. Faz tratamento há seis meses. “Sentia muito tontura, coceira no corpo e também fraqueza nas pernas”, conta. Casado, pai de três filhos, trabalha há 22 anos como frentista.

Investigação

“Esse é um problema que atinge os trabalhadores do setor em todo Brasil. Nós, aqui, no Distrito Federal, não podemos ser omissos. Vamos investigar para tomar as medidas necessárias como, por exemplo, garantir a realização dos exames de sangue”, garante o delegado regional do trabalho, José Pedro Alencar. Ele explica que laudos são necessários para comprovar a presença do benzeno na gasolina vendida nos postos do DF. Isso porque as refinarias afirmam que a gasolina é distribuída sem o benzeno e que o produto pode ser adicionado ou não depois. “Queremos fazer

uma fiscalização preventiva nos postos, em parceria com empregados e patrões”, reforça Alencar.

As normas 7, 9 e 16 da Portaria 3.214 do Ministério do Trabalho determina a realização dos exames em trabalhadores do setor de inflamáveis. O perigo, no entanto, é oculto e não há números precisos sobre trabalhadores contaminados. Em muitos casos é difícil provar que a doença é consequência direta do trabalho nos postos. O sindicato informou que identificou 10 casos suspeitos, em 2004. “Parece que as clínicas que prestam serviço aos postos não estão fazendo os exames de forma rigorosa como deveriam”, desconfia Miquilino.

O Sindicato dos donos de postos de gasolina no DF (Sinpetro) também está preocupado com a situação. “Há postos que realizam os exames de sangue nos funcionários e outros, não. Estamos dispostos a discutir o assunto com o sindicato dos trabalhadores”, diz José Carlos Ulhoa, presidente do Sinpetro. Ele explica que os postos têm contrato com empresas de saúde para avaliar as condições físicas dos trabalhadores. Segundo Ulhoa, se elas estiverem sendo omissas poderão ser penalizadas.

O Sinpetro, no entanto, não acredita que o problema seja tão grave. “Se for comprovado que o serviço de frentista é tão nocivo à saúde, teremos de repensar a possibilidade de automatizar a função. Uma alternativa que o sindicato dos trabalhadores lutou para que não acontecesse, porque eliminaria postos de trabalho”, afirma Ulhoa.